

António Manuel Couto Viana

Macau Entre Sonho e Nostalgia

MARIA DE LURDES N. ESCALEIRA*, LEONOR DIAZ DE SEABRA**

RESUMO: António Manuel Couto Viana (1923-2010) é autor de uma assinalável e vasta obra literária, tendo-nos deixado um legado que vai desde o teatro, à poesia e aos contos (para crianças e adultos).

O autor assume que desde a infância desenvolveu um fascínio pelo Oriente, influenciado sobretudo pelos livros de Wenceslau de Moraes, que habitavam nas estantes da casa paterna, pelas histórias que o pai lhe contava e pelo negócio do avô, que o punha em contacto com vários artefactos orientais.

O seu fascínio pelo Oriente atraiu-o para Macau, onde residiu e desenvolveu actividade no campo cultural, servindo-lhe de inspiração para a escrita de um conjunto de poemas sobre a sua vivência e as marcas que foi encontrando da presença portuguesa em terras orientais. O próprio autor afirma que este foi um período de grande fecundidade poética. Apesar de nutrir um profundo amor pela Pátria, o desgosto pelo regresso “forçado” a Portugal acompanha-o durante os últimos anos da sua vida, transformando-se em tema de confidências (Conferência de 2007 na Delegação Económica de Macau, Lisboa) nas quais, repetidamente, confessa que esta era a terra onde poderia ter ficado até à morte (primeiro poema escrito após a chegada a Macau / Cemitério Chinês da Taipa).

Apesar do relevo da sua obra, a pesquisa por nós desenvolvida mostra que esta não está devidamente estudada, existindo apenas biografias e entrevistas com o autor bem como breves resenhas dos seus livros, publicadas em jornais, revistas e catálogos de lançamentos de livros e iniciativas similares.

PALAVRAS-CHAVE: Oriente; Macau; Poesia; Fascínio; Memórias.

*Licenciada em Filosofia pela Universidade do Porto e em Administração Pública pela Universidade de Macau. É Mestre em Gestão e Administração Pública. Foi bolsista de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal, e obteve o grau de doutor pela Universidade do Porto. É autora de várias comunicações e artigos e dos livros *Ensino da Tradução em Macau: dos currícula propostos à realidade de mercado*, 2013, e *Portugueses no Oriente: Uma Narrativa dos Séculos XV a XIX*, 2017.

She has a Bachelor's Degree in Philosophy from University of Porto and a Bachelor's Degree in Public Administration from University of Macao. M.A. in Management and Public Administration. She was a doctoral fellow of Foundation for Science and Technology of Portugal, and holds a PhD from University of Porto. She is the author of several papers, articles and the books Tradução em Macau: dos currícula propostos à realidade de Mercado, 2013, and Portugueses no Oriente: Uma Narrativa dos Séculos XV a XIX, 2017.

**Professora Associada da Universidade de Macau. Doutorada em História de Macau pela Universidade do Porto. Mestre em Estudos Luso-Asiáticos pela Universidade de Macau. É autora de vários livros e artigos académicos.

Associate Professor at the University of Macau. Ph.D. in History of Macau from the University of Oporto. M.A. in Asian-Portuguese Studies from the University of Macau. She published several books and articles in academic journals.

Não havia dúvida: Macau fascinara-me, corria como um sangue febril nas minhas veias, a alimentar-me o coração.

in Saavedra, 2012:280

António Manuel Couto Viana¹ (Viana do Castelo, 24 de Janeiro de 1923 - Lisboa, 8 de Junho de 2010) foi encenador, tradutor, poeta, dramaturgo, contista, ensaísta e actor, tendo-nos legado uma assinalável e vasta obra no campo das artes e das letras.² Fruto de um longo percurso na escrita, iniciado ainda na infância e cultivado durante toda a vida, a sua obra pode ser comparada a uma colorida paleta, de um



ORIENTALISM

pintor, onde poesia e prosa se juntam e espraíam por um variado leque de géneros literários: peças de teatro,³ contos pícaros, livros para crianças,⁴ ensaios, memórias⁵ e poemas. A sua ânsia de viver a arte impulsionou-o para as maiores aventuras, passando pela participação em alguns filmes portugueses e estrangeiros, em peças para a televisão, em programas culturais na televisão e na rádio e pela leccionação da *cadeira* de Teatro no Liceu D. Leonor, em Lisboa, e de um curso intensivo de teatro, no Instituto Cultural de Macau.⁶

Figura dinâmica participou activamente no mundo das artes e das letras, integrando, juntamente com David Mourão-Ferreira, Alberto de Lacerda e Luiz de Macedo, a direcção dos cadernos de poesia *Távola Redonda*, publicados entre 1950 e 1954, uma das revistas literárias portuguesas mais marcantes dos anos 50, do século XX, e, posteriormente, da revista de cultura *Graal* e do conselho de redacção da revista *Tempo Presente* (1959-1961), colaborando, ainda, com a revista *Colóquio-Letras*, entre tantas outras. Entre 1949 e 1951, dirigiu a revista infanto-juvenil *Camarada*.

O teatro⁷ foi uma das áreas em que Couto Viana se distinguiu, estreando-se, como actor e figurinista, no Teatro Estúdio do Salitre, em Lisboa, em 1946. Foi director e empresário da Companhia de Teatro do Gerifalto, que funcionou no Éden, em Lisboa, de 1966 a 1974.

Integrou a direcção do Teatro da Mocidade, Teatro de Ensaio (Teatro Monumental) e foi director e empresário da Companhia Nacional de Teatro (Teatro Trindade) e orientador artístico da Oficina de Teatro da Universidade de Coimbra. Encenou e dirigiu companhias de ópera, como mestre de cena, do Teatro Nacional de São Carlos, do Círculo Portuense de Ópera e da Companhia Portuguesa de Ópera.

Nos últimos anos, dedicou-se a um novo género literário – contos pícaros⁸ – tendo publicado *Meias de seda vermelha* e *Sapatos de verniz com fivelas de prata* e outros contos, *Os despautérios do Padre Libório* e outros contos pícaros e *Que é que eu tenho*, *Maria Arnalda?*

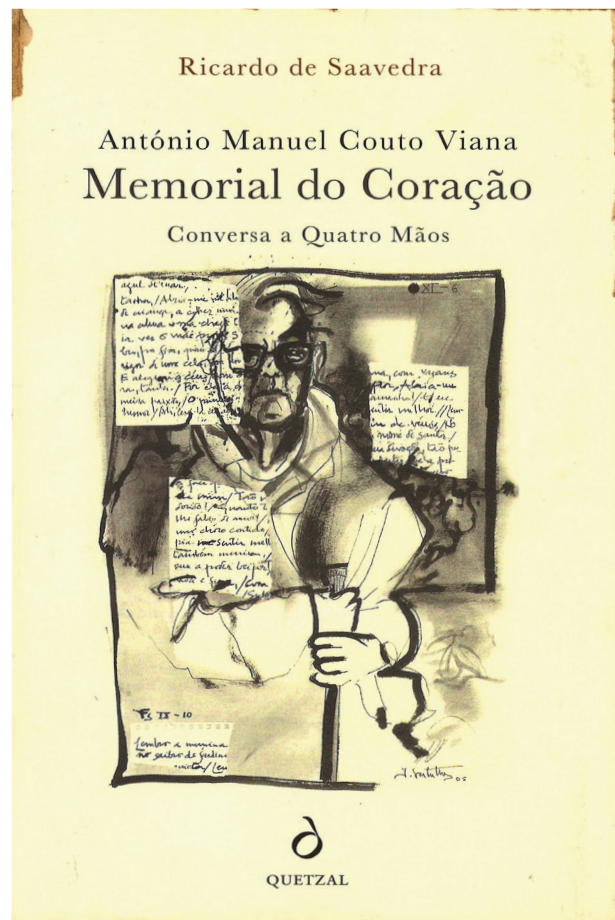
Viveu os últimos anos na Casa do Artista, em Lisboa, continuando a desenvolver a sua actividade artística

até aos últimos momentos: acedendo ao convite da Ordem dos Frades Menores, tinha o projecto de se dedicar à dramaturgia sagrada,⁹ foi Conselheiro do Conselho de Leitura da Fundação Gulbenkian e estava a escrever a história da Companhia Nacional de Teatro.

Autor muito versátil, na sua obra confluem várias tendências, desde o presencismo a correntes alternativas como o surrealismo, ou o existencialismo, numa visão frequentemente irónica e lúdica de si mesmo.¹⁰

A sua escrita espelha a preocupação do autor pela busca da beleza e da elegância e a mestria do rigor na construção do verso, usando as formas tradicionais, mas colocando nas palavras a emoção que sentia face aos acontecimentos da vida.

No *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* (2000), afirma-se que Couto Viana se integra no grupo dos que, desde finais da década de 40 (do século



ORIENTALISMO

XX), se opunham ao neo-realismo, procurando reabilitar o *culto do passado, da paisagem e dos amores tímidos e castos*, nomeadamente, na obra intitulada *Lendas do Vale do Lima* (2002), onde procura realçar o lirismo e o sentido épico das lendas e narrativas do Vale do Lima.

Retratou, em verso, uma enorme variedade de temas tradicionais e do quotidiano, parecendo, por vezes, querer esconder-se do social e identificar-se com o sentir colectivo – *Pátria Exausta* (1971) – e, noutras ocasiões, dando a impressão de se distanciar da sociedade e de si próprio – *Raiz da Lágrima* (1973).

Alguns dos seus livros reflectem a sua visão de si próprio e do mundo – *Café de Subúrbio* (1991) e noutros, segue sonhos e mitos de Fernando Pessoa (tais como o mito do Sebastianismo e o do Quinto Império) – *O Ponto do não regresso* (1982) ou o *Corpo de Três* (1998).

Nos últimos anos desabafa o seu desalento face ao declínio de Portugal e do estilo de vida em geral, reflectindo, de certa forma, a influência do pensamento messiânico e sebastianista, no entanto, apesar destes laivos de pessimismo assume (Saavedra, 2012) que não perdeu a esperança e que acredita no futuro.

A nível de crenças assumiu ser uma pessoa de fé e católico, reflectindo esta sua visão na sua obra e publicando, nomeadamente, *S. João de Deus na poesia portuguesa* (1996).

Couto Viana confessou ter-se sentido injustiçado devido às suas opções políticas (monárquico e sebastianista), no entanto, isso não foi entrave para que a sua obra lhe tivesse valido diversas condecorações¹¹ e vários prémios literários, entre os quais o Prémio Antero de Quental (1949 e 1969), Prémio Nacional de Poesia (1965), Prémio Academia das Ciências de Lisboa (1971), Prémio de Literatura da Sociedade Histórica da Independência de Portugal (1988), entre outros.

Couto Viana poeta é uma das várias facetas da sua vida, tendo declarado o seu amor à poesia, ao afirmar, *sou, acima de tudo, poeta, A poesia está comigo, por isso, para mim basta o que tenho:/ Umas rimas sem*

*valia, / Mas próprias, do meu amanho; /Minha colheita, meu ganho / - Poesia! Poesia!*¹²

A busca do poeta pelas ninfas da inspiração ficou gravada em verso, tendo encontrado na sua visita ao Templo do Céu, em Pequim, a inspiração para criar o poema *No Templo do Céu*, uma prece em que implora *ao deus dos horizontes (...) me expanda em frutos novos e diversos. Roga ao céu que lhe dê- Uma colheita mais de Poesia, /Em vez de versos, versos, versos, versos...* (1991:51).

Desde 1948¹³ (*O avestruz lírico*) até 2010 (*Ainda não*), são inúmeros os versos que brotam da sua imaginação, tendo culminado com a publicação da obra, em dois volumes, *60 anos de poesia*.¹⁴ Na conferência de 2007,¹⁵ refere a sua obra poética: *Uma Vez uma Voz*, conjunto de 15 volumes de poesia publicados em 1985, *Estado Estacionário* (1988) e *Café do Subúrbio*, sendo este último *talvez o seu livro mais conseguido e apreciado* (2007:3). Sobre poetas publicou *Coração Arquivista* (1977), as antologias *Tesouros da Poesia Popular Portuguesa* (1984), *Dicionário de Temas e Poemas* (1997) e *Cancioneiro do Rio Lima* (2001).

Couto Viana sente que a poesia *aparece em qualquer parte*.

*Quando podia (...) metia-me num eléctrico (...), encostava-me à janela e ia imaginando poesia e tomando nota em papéis (...), e a poesia nascia assim. Precisava de uma certa disponibilidade para a poesia, mas quando essa disponibilidade aparecia, aparecia a poesia também. Hoje é a mesma coisa, ela aparece. Às vezes, com tanta coisa para fazer, até a afastava de mim, porque tinha outras coisas a fazer e a poesia tomava todo o meu espírito nesse momento e não podia fazer mais nada.*¹⁶

O amor pela poesia é plenamente assumido na conferência proferida em 2007 e, posteriormente editada com o título *O Poeta no Oriente do Oriente*, onde, encarnando o personagem poeta, dá voz ao seu sentimento e relata, com recurso à sua própria poesia, a sua paixão e vivência no Oriente.

ORIENTALISM

Couto Viana reúne a sua obra poética sobre o Oriente numa obra intitulada *Oriente do Oriente* e, mais tarde, edita uma outra obra intitulada *O Poeta no Oriente do Oriente*, expressão que, nas palavras do próprio (in Saavedra, 2012) foi beber a dois versos do *Opiário* de Álvaro de Campos: *E eu vou buscar ao Ópio que consola um Oriente ao oriente do Oriente*.

O fascínio do Oriente, sobretudo por Macau, insere-se na sua busca constante por marcas dos portugueses em todos os lugares que visita, nomeadamente, em terras de África e da Ásia.

Aquando da sua visita a Pequim (*Na Avenida dos Animais*) afirma que *O português no Oriente / Encontra sempre sugestões, sinais, / Da história da sua gente: / Até numa Avenida de Animais!* (1991:45).

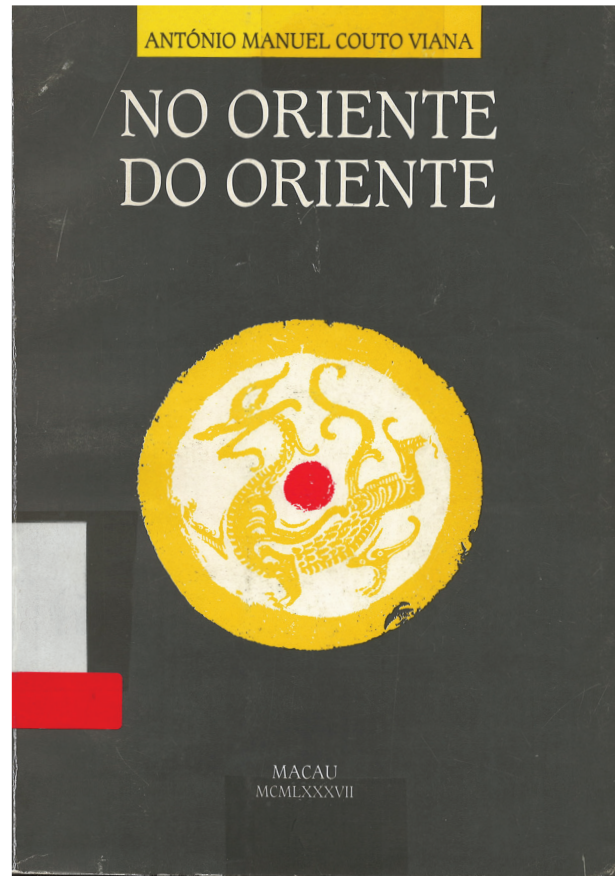
A visita ao Cemitério Português de Ayuthaya, na Tailândia, provoca-lhe um fervor patriótico que o leva a exclamar: *Rezo-te Portugal, missionário do Oriente, / Que sagrou esta terra e aqui descansa! Num momento de paz que o Céu consente. E depois continua. E ascende! E alcança!* (1991:69).

É, no entanto, em Malaca onde encontra uma forte presença de Portugal: *E cada pedra do passado é portuguesa: / (...) Mas o que o pensamento me cativa / E o coração me enche de emoção / É ver a minha pátria viva! No papiá Kristão!* (1991:75).

No que diz respeito ao Oriente, desde a infância que nutre esse ensejo de conhecer a terra de onde vêm as peças exóticas que adornam a sua casa:

O fascínio do Oriente distante e sortilégio exercera-se logo sobre o seu espírito, recém-saído do colo materno e do hesitante tem-tem, surpreendendo, pelas salas da casa familiar, um ou outro móvel de exótico fabrico (...); um ou outro prato de faiança delicada e ornado de rosas e aves de comprido pescoço; o azul cantonês dos pagodes (...); a caixa de charão lustroso (...); a lata de chá com figuras estranhas de rabicho e cabaia (...)

Couto Viana, 2007:4



Os livros do escritor orientalista Wenceslau de Moraes povoavam as estantes da família do poeta, que lhes devorava a singularidade (2007:5), despertando-lhe a curiosidade pelas coisas do Oriente.

O autor atribui (*Evocação*, 1991:13), ainda, este chamamento do Oriente ao facto de ter o apelido paterno de Martins do Couto, que lhe lembravam Diogo do Couto considerando-se seu “remoto parente” e, ainda, Gaspar Martins.¹⁷

Para além destas influências atribui as primeiras imagens de Macau ao convívio com Dona Maria da Glória Bandeira de Lima, amiga de uma senhora de Viana, e que contava episódios da sua vivência em Macau, e com o capitão Rogério Ferreira, que estivera em Macau e era casado com uma macaense, uma filha da terra, que privara com Camilo Pessanha (2012).

ORIENTALISMO

Aquando da sua chegada a Macau, *ao ainda português território oriental do rio das Pérolas* (2007:3), esse enamoramento pelo Oriente levam-no a exclaimar:

Chegas por mar. (...) E, neste primeiro instante, quase lamentos não ter aportado aqui, muitos séculos atrás, ao asilo da praia acolhedora, penetrado de lenda, trajando uns trapos sujos de cabaia do pescador que, por suprema felicidade, transportara no seu junco a divindade de A-Má... (1987:15).

Perpassa por toda a obra poética, bem como nas várias entrevistas, o sentimento de pertença do autor ao Oriente, a chegada a um lugar a que já pertencia, onde deveria ter chegado há muito tempo e onde deveria passar o resto da sua vida e, finalmente, repousar, em Macau, para a eternidade.

Macau na vida de Couto Viana surge desde cedo ao som das histórias que o pai lhe contava e do contacto com o negócio do avô,¹⁸ fazendo-o sonhar com uma terra distante, mas um reino maravilhoso. Todo este ambiente oriental lhe despertou o interesse sobre Macau, terra que conheceu através de escritores como Camilo Pessanha,¹⁹ Camões,²⁰ Bocage, Osório de Castro e António Patrício e pelo convívio com Monsenhor Manuel Teixeira.²¹

Couto Viana chegou a Macau em Março de 1986, tendo aí vivido entre 1986-88, uma terra que o fascinou e inspirou de tal forma que o próprio poeta define este período como uma fase de grande fecundidade poética, frisando que (in Saavedra, 2012), após a sua chegada, num mês conseguiu criar mais poemas do que, normalmente, criava num ano em Portugal.

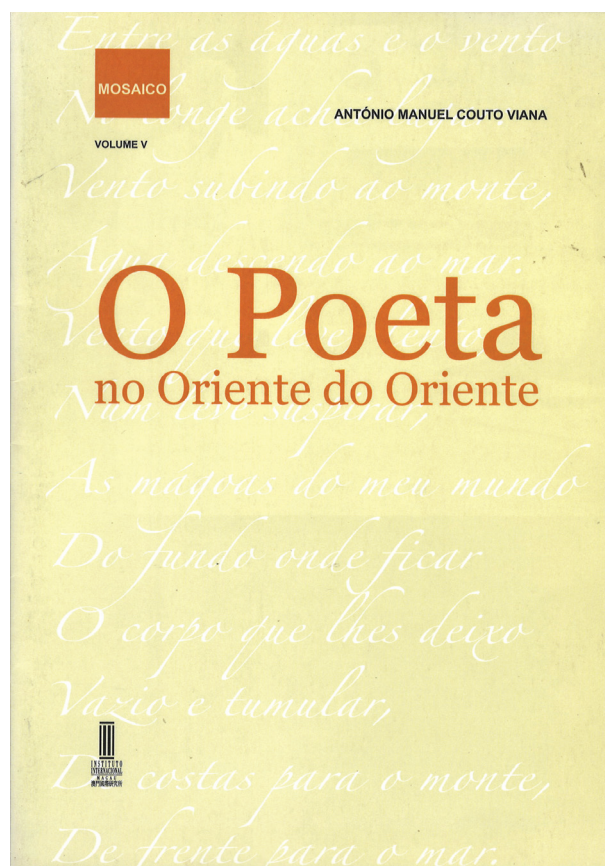
Logo no início, após uns dias de repouso, começou num frenesim a descobrir a cidade: Ruínas de S. Paulo, Gruta de Camões, Fortaleza do Monte, etc, onde bebeu a inspiração para os cantar em verso.

Logo após o primeiro passeio por Macau sente que encontrou o seu lugar (*no longe achei lugar*) onde poderá ficar até ao fim dos seus dias (Cemitério Chinês

da Taipa é o mote para o seu primeiro poema escrito no Oriente).

Fascinado por Macau corre ruas, cantos e recantos à procura de luz, sons, cores, enfim, do pulsar da vida, traduzindo o seu sentir em verso: *No Oriente do Oriente* (1987), *Não há outra mais Leal* (1991) e *Até ao Longínquo China Navegou* (1991) e *Orientais, poemas* (1999). As duas primeiras obras referem-se unicamente a Macau, à excepção de *Poema para o Rio Lijiang*, enquanto que o terceiro viaja sobretudo pelo Mar da China: engloba a China, Formosa, Tailândia, Malásia e, também, Macau. As poesias que compõem a obra *No Oriente do Oriente foram*, também, publicadas na revista *Nam Van* e nos jornais *Gazeta Macaense* e *Tribuna* (2012).

Publica, ainda, *Orientais poemas*, um livro composto de dez poemas que Couto Viana dedica À



ORIENTALISM

Macau portuguesa, por mim fecundamente amada, na hora trágica do nunca mais.

No ano de 1986, publicou, ainda, na *Revista de Cultura*, *Mapa de Pequim Desdobrável no Coração*, um conjunto de dez poemas nos quais desfilam as suas impressões da viagem a Pequim e que, posteriormente, inclui em *Até ao Longínquo China Navegou* (1991:31-51).

A sua participação em *Poesias Escolhidas* de Ai Qing consistiu, apenas, na revisão literária da obra, para ser publicada pelo Instituto Cultural de Macau.

Em 2012 (in Saavedra, 2012:415) afirma estar em preparação a publicação de uma obra, *Rota do Oriente*, datada de 1999, reunindo todos os versos que escreveu na Ásia e prefaciada por Rodrigo Emílio.

A par da sua actividade profissional, na área do teatro, participou activamente em vários projectos culturais, inserindo-se e tendo um importante papel na vida cultural macaense e convivendo com as figuras de topo das artes e das letras, tanto de Portugal como de Macau.

Quanto à sua obra poética, é em verso que nos fala de um Macau onde, desde o primeiro passeio dado na companhia de Monsenhor Manuel Teixeira, os dias são de um encantamento extasiado e de vivência intensa, bem como, de uma busca incessante por encontrar as reminiscências do Oriente que foi gravando na memória, e no coração, desde tenra idade. Macau foi para o poeta um amor à primeira vista, apaixonou-se pelo exotismo e pela raiz cultural portuguesa de Macau e esse amor acompanhou-o pelo resto da vida.

Os poemas desta época cantam templos e deuses chineses (Á-Ma), igrejas (Ruínas de S. Paulo), paisagens, ambiente das ruas (bazar macaense), clima (tufão), as mulheres (refugiadas chinesas em Macau), folclore (dança do leão), entre outros. De realçar o cunho que imprime à sua mensagem poética onde a inspiração se mescla com a história, as tradições, a análise da sociedade e os seus próprios sentimentos.

As *Portas do Cerco*, onde uma multidão está sempre em movimento, termina o território que,

naquela altura, estava *dosselado pela nossa bandeira*. Para lá desse ponto, *a China estende-se, vastíssima e misteriosa* (1991:17).

O monumento das *Portas do Cerco*, apesar de não ser belo nem grandioso, traz-lhe à memória nomes e datas de personalidades e acontecimentos que mostram a bravura e a dignidade portuguesas. *Não resistes. A tua mão tem a carícia do orgulho, da gratidão, da reverência, ao tocar-lhes as cicatrizes rebocadas de pintura* (1991:17).

As *Ruínas de S. Paulo no alto de uma colina*, não são apenas um cartaz turístico, mas, representam, sobretudo, *o Ocidente, com a sua fé cristã, são a face de Macau ferida! Mas crente, mas segura, erguida à vida, / Quando a morte a seus pés, sinuosa, rasteja* (2007:12-13).

Também a *Praça do Leal Senado* o enche de respeito e o obriga a curvar a cabeça em homenagem ao que representa o dístico e o escudo da bandeira.

O sentimento guia-lhe os passos, qual romeiro da poesia, até à *gruta de Camões*:

Ali, não tens palavras: só lágrimas de emoção. E elas não secam, enquanto visitas o lirismo de novos jardins, europeus e orientais, enlaçando estátuas e plácidos lagos, para murmurares versos de Camilo Pessanha, tão de Macau, escutando-lhes a música interior, exígua, discreta, mas profunda (1987:18).

Logo na primeira viagem de jet-foil presenciou a azáfama do jogo, mal o barco entrou em águas de Macau e, mais tarde, descreve de forma magistral o ambiente dos casinos, lugar onde se vai:

(...) experimentar o prazer e a angústia do jogo; a invadir a sofreguidão dos casinos e dos campos de corrida, com suas salas e bancadas pejudas de ansiedade e desespero; a encher as mãos de fichas e de sonho, perturbado por névoas e clarões de superstições ancestrais, por palpites e visões, esperançadas consultas à obscura ciência do adivinho, à benevolência do deus da fortuna; a recorrer, em hora desfavorável, ao auxílio

ORIENTALISMO

da casa de penhores, o anel mais rico e estimado em troca de algumas notas enxovalhadas, um punhado de pérolas por meio punhado de oiro a escorrer, depois, em areia vã, entre os dedos do vício. (1987:18).

As casas senhoriais macaenses e os seus proprietários surpreendem-no pelo luxo e riqueza que encerram (Ó Casas Senhoriais de Macau) mas, também, não escapam ao seu olhar atento os chineses que procuram refúgio em Macau,²² ditando sorte diferente para homens, que trabalham mas conseguem ter um relativo sucesso e integrar-se na sociedade [*Vong Men- Arranjou namorada (...)/Largou os trapos, veste roupa fina (...)/Vai ter Kodak e bicicleta.* (2007:33)] , e mulheres, que apenas podem esperar a prostituição, a vitrine de um cabaré, exposta com um número e aguardando quem a requisite (2007:34).

Compara Macau com o *Farol da Guia*, dizendo que tal como este farol foi o primeiro a brilhar nos mares da China também Macau foi o primeiro farol cristão e civilizador do Oriente (1987:18).

O bazar inspira-o e dá-lhe o mote para dar vida a novos versos (2007:18-21) repletos de aromas, sabores, sons, cor, emoções, gentes e artefactos que o poeta aspira e onde se sente um elemento estranho. A estranheza do Outro é visível nos versos em que descreve o seu encontro, no bazar, com o homem dos tintins: *Viu ele um português pertinaz e sem pressa/De olhar estranho, magro, a longa barba preta,/Descobrir, entre o inútil, o valor de uma peça,/Com a ciência de sábio e arte de poeta?* (2007:20)

O colorido das tradições atrai-no, como no caso do poema a propósito da dança do leão onde descreve o ritual e confessa não lhe entender a profunda linguagem ficando apenas preso ao ritmo e à imagem (2007:17).

A Camilo Pessanha, o nosso maior simbolista, mago da palavra, génio opiado, criador assombrado de partituras sublimes que é toda a sua poesia (2007:22), dedica vários poemas. Em o *Bazar* descreve-o como um português, pertinaz e sem pressa, / De olhar estranho, magro, a longa barba preta, / Descobrir, entre o inútil, o

valor de uma peça, / Com a ciência de sábio e a arte de poeta (2007:22).

Camões, o maior de todos os poetas, é objecto de um poema onde Couto Viana revela a sua identidade: *António sou (tenho o teu nome)/ E escravo, também, da poesia./ Para ela é que estendo, em cada dia, / A mão à minha fome*(2007:25).

Bocage, boémio e aventureiro (...) aqui arrastou o seu tédio, bajulou senhores poderosos, donas influentes, satirizando a modéstia da cidade (2007:26)

Tudo prende o seu olhar e lhe desperta fortes sentimentos de pura comoção em que as coisas e os lugares parecem ganhar vida, como *Na pousada de Mong Há*, onde em versos sentidos agradece a (...) gentileza/*Com que me recebeste a soledade,/Me abriste a cama e me puseste a mesa/E me foste família e amizade!* e, ao mesmo tempo, afirma deixar algo de si naquele lugar visto este ser *Memorial de mim, em cada muro/Grava os versos do fim em que me vês;- Aqui viveu enquanto foi futuro,/O último poeta português!*(1991:23).

A sua presença em Macau foi breve e resumiu-se a uma tarefa de três anos de enamorado e pedagogo. Esta partida, não desejada, causa-lhe mágoa que transpõe para verso (*Macau, adeus!*): *Afastaram-se os dois da mesa./O Ocidente, a chorar, disse adeus à cidade./ Levava uma bandeira portuguesa/Junto ao peito, a escutar o pulsar da saudade* (2007:42).

António Manuel Couto Viana cantou Macau figurando, dois dos seus poemas (*Na Pousada de Mong Há* e *No templo de A-Má*), na *Antologia dos Poetas de Macau*, significando uma reconciliação de Macau com o poeta que, anos antes, tinha regressado a Portugal carregando a mágoa por se sentir injustiçado e incompreendido na terra que tanto amava. *Até ao Longínquo China Navegou* é um livro doído no que se refere a Macau, após o Instituto Cultural de Macau ter recusado publicar o livro *No Oriente do Oriente*, provocando uma emaranhada e delicada situação que o poeta sentiu como um ataque injusto à sua própria pessoa. É, contudo, nesta obra que nos oferece uma descrição, em prosa, de Macau (Um Sabor a Saudade,

ORIENTALISM



1991:17-20) e poemas, na sua maioria dedicados a personalidades de Macau, sobre o seu deambular por Macau, Pequim, Formosa, Reino de Sião (Tailândia) e Malásia, com destaque para Malaca, concluindo com *Camões e Dinamene – Argumento para um Bailado* (1991:81-85).

Em Macau, Couto Viana também escreveu prosa, de que é exemplo *Um Sabor a Saudade*, crónica publicada em 1988, na *Revista Macau*.

No artigo *No Oriente do Oriente – roteiro lírico de Macau* (1987:15-18) expressa as suas primeiras impressões sobre a cidade que o recebeu de forma ativa e lhe ocultou os tesouros de um perfil *mesclado de Oriente e Ocidente*. Este texto é de uma enorme riqueza e de uma grande intensidade na descrição da cidade, dos seus usos e costumes, bem como do sentir do poeta que a calcorreia com todos os sentidos despertos e o coração aberto.

Couto Viana mostra-se sensível à barreira cultural

e linguística que, apesar do seu espírito aberto para acolher o Oriente, não lhe permite um entendimento pleno da realidade do Outro que ele, contudo, admira. A propósito da dança do leão, inspiradora de um poema, confessa que é uma tradição que o intriga e que, para si, encerra muitos mistérios [*Não lhe entendo a profunda linguagem/Admiro-lhe a dança/E fico-me criança/Preso somente ao ritmo e à imagem* (2007:14-17)].

A barreira linguística é referida de forma recorrente, por exemplo, *a bandeira de tecido (...) salpicado de enigmáticos caracteres* (2007:4), *vozear (...) incompreensível para o ouvido ocidental* (2007:4), *múltiplos anúncios de caracteres enigmáticos, como um labirinto de volutas e traços* (1987:15) no entanto, apesar do pouco tempo que permaneceu em Macau, absorveu algumas expressões em cantonense e plasma-as em alguns dos seus poemas, tais como, *toché* (1991:23), *Kong Hei Fat Choi* (1991:27).

Esta mesma dificuldade de comunicação arruinou-lhe os planos, aquando da sua colaboração no Curso de Verão de Português, na Universidade da Ásia Oriental, tendo a escolha da peça afugentado a maioria dos alunos (2012).

O *papiá kristáng* que ouviu em Macau fê-lo sentir orgulho e vários indícios são reveladores do seu conhecimento do patuá (de Macau), inclusive de peças de teatro em patuá. No poema *Gravura Antiga di Macau* (1987:99-100) podemos apreciar um desfiar de expressões em patuá: *nhonha, saraça, malinguar, bicha*,²³ *chiste*, etc.

*Nhonha*²⁴ *recebe com chá?/E sab`rososurang-surave*²⁵/
*As amigas do bafá*²⁶/*Chacha-chacha*²⁷ *nos seus dós*²⁸/*De jeito gentil e grave;/Que chegam de riquexós.*

Já quanto à língua portuguesa, tal como Pessoa, também sente que a sua Pátria é a língua portuguesa e confessa não ter dúvidas de que a *língua portuguesa continuará viva, como o mais forte elo de ligação e a mais destacada de quantas bandeiras, em todos os povos por onde andámos e com quem convivemos* (in Saavedra, 2012:353).

Apesar do seu encantamento pelo Oriente nunca

ORIENTALISMO

esqueceu as suas raízes e a saudade que o invadiu transformou-se em verso – *Natal de Exílio*²⁹ (1987) – onde desabafa que Natal sem o presépio da infância em Viana, sem consoada com os seus e sem coração, não é Natal:

Acaso entenderá que eu não entenda, não,/ Que o Menino nascido aqui é igual/Ao nascido onde tenho o coração?/E que sem coração eu não tenha Natal? (1991:29).

A alteridade entre Eu e o Outro é uma constante na poesia de Couto Viana, em parte fruto da sua busca incessante de Portugal, do passado glorioso da Pátria, em todos os lugares que visita, não resistindo a fazer um retrato Ocdiente/Oriente. Um quadro ilustrativo desta realidade retrata o momento em que o pulsar de Viana se transforma numa enorme vontade de mostrar ao mundo o ardor com que os vianenses vivem as suas tradições, como, por exemplo, quando, numa certa manhã de domingo viu um rancho folclórico de Macau – *Viana Súbito em Macau*.

Eles vestem sem graça, o traje à vianesa:/(...) Bailam mas sem prazer./Nenhum ímpeto ardente dos corações emana./- Que saudades me deu de me erguer/ E, entre eles, mostrar com baila Viana? (1987:95-96)

O propósito da vinda de Couto Viana para Macau foi o de desenvolver o teatro em Macau, tendo estado envolvido nos esforços do Governo de Macau para criar uma estrutura de apoio à programação teatral e que passava, também, pela formação de actores.

Apesar das dificuldades que sentiu para *sensibilizar os portugueses de Macau para essa actividade cénica* (2012:271), considera que os resultados foram positivos e até surpreendentes. A este propósito relata a vinda de Miguel Torga a Macau e a encenação do *Mar* de Miguel Torga, o qual arrancou os maiores elogios de Torga e da sua esposa.

Refere, ainda, (2012) que se dedicou ao teatro

para crianças, tendo organizado o espectáculo de Natal *para as crianças das escolas macaenses* (2012:272), colaborou com vários jornais, nomeadamente o *Clarim*, onde assinou *Páginas de Memórias*, e com a *Revista de Cultura*, proferiu várias conferências para assinalar personagens e datas importantes, colaborou na realização televisiva de *Macau – Quatro Séculos de Aventura*, entre outros projectos.

A obra de Couto Viana sobre o Oriente deixa transparecer um profundo conhecimento da história, passada e presente, e é a propósito da passagem de um tufão que o poeta grava, em verso, o seu pulsar face à transferência de soberania de Macau para a República Popular da China. Descreve este acontecimento como o mais sentido “tufão”, não anunciado pelo Farol da Guia, que desabou sobre a Leal Cidade do Nome de Deus de Macau, ao qual ele não assistiu, por já ter regressado a Portugal, mas que lhe atingiu o coração e o impulsionou a escrever *a sangrar, poemas húmidos de lágrimas* (2007:41).

Apesar do saudosismo do passado e de, por vezes, parecer deixar transparecer laivos de pessimismo o poeta afirma não ter perdido a esperança, dando o exemplo do poema que dedica ao Farol da Guia:

Brilha, do alto, a luz a iluminar a nau, na treva dos presságios, a dissipar receios dos escolhos, a rasgar-lhe o caminho certo para um futuro de bonança e de vitória. Como tudo é já nítido, é já resplandecente! (...) é o dia que desponta (2012:293).

O poeta regressou a Macau, aquando do lançamento da *Colecção Poetas de Macau*, tendo encontrado uma cidade habitada por *uma espessa muralha de cimento*, mas, conservando, no entanto, a Macau que Couto Viana conhecia e amava, sentindo que a sua Macau estava ameaçada (Saavedra, 2012:300). Na sua despedida de Macau a tristeza dá lugar à esperança porque sente que o mundo da amizade e da hospitalidade que deixou em

ORIENTALISM

Macau permanece, *sem mudança nem velhice*, um mundo que é *bem mais belo e ascende bem mais alto do que o de betão* (in Saavedra, 2012:300).

Em jeito de conclusão, destacamos que a pesquisa por nós desenvolvida nos permite concluir que Couto Viana é um autor ainda pouco estudado sendo que a maior parte das informações sobre a sua vida e obra se encontram dispersas por artigos de jornais e revistas, bastante repetitivos e focando, na sua maioria, os mesmos aspectos biográficas. As excepções - *O Poeta no Oriente do Oriente* (2007) e *António Manuel Couto Viana – Memorial do Coração (Conversa a Quatro Mãos)*, de Ricardo Saavedra (2012) – têm, em ambos os casos, o envolvimento do próprio poeta, como autor, no primeiro caso, ou como entrevistado, no *Memorial do Coração*.

A sua curiosidade levou-o a dedicar-se a várias expressões artísticas de onde se destacam o teatro e a poesia, tendo-se mantido activo [*Tenho sempre muitos livros para publicar e muitos livros para escrever*(SOL:15)] nas artes, principalmente na escrita porque, tal como afirmou, *a independência/É o livro, o papel e a caneta* (2012:10).

No que se refere à sua obra poética sobre o

Oriente é de notar que, apesar de esta se encontrar publicada em livro, vários dos poemas foram, também, publicados em antologias poéticas, jornais, revistas, etc.

O encantamento pelo Oriente atraiu-o a Macau e serviu-lhe de inspiração para a escrita de um conjunto de poemas sobre a sua vivência em terras orientais, o fascínio que sentia pela terra, cultura, pessoas, enfim, sobre tudo o que o rodeava e sentia estranho, mas que o seduzia e o maravilhava.

De entre tudo o que se tem escrito sobre Couto Viana consideramos que a obra de Saavedra (2012) oferece um manancial de informações e retrata, na primeira pessoa, um homem das letras e das artes muito empenhado e envolvido com a sociedade, nomeadamente com a sociedade macaense, e participando activamente no panorama cultural de Portugal e de Macau.

A obra poética oriental é o exemplo contundente de que a poesia acontece em qualquer lado, tendo o poeta calcorreado ruas e becos e transposto para verso todos os seus encontros e estranhezas.**RC**

NOTAS

- 1 Uma nota de agradecimento a José Manuel Couto Viana, primo do poeta, pelas longas conversas sobre a obra de Couto Viana e pelo material disponibilizado, permitindo-nos ter uma visão da importância de António Manuel Couto Viana no panorama intelectual português do séc. XX.
- 2 O seu legado literário ultrapassa as 100 obras publicadas (cerca de 40 são de poesia), estando alguma da sua poesia traduzida para francês, inglês, espanhol e chinês. Em 2013 foi lançada, a título póstumo, a sua obra *Para uma Geografia Literária do Alto Minho*, inédito sobre os poetas e prosadores mais relevantes de entre Minho e Lima, tais como: António Feijó, Luís Correia Caldeira, José Sousa Vieira, Luís Dantas, Carlos Gomes, José Cândido Martins, Francisco Guimarães, entre outros.
- 3 Em Setembro de 2009, Couto Viana disse à Lusa que estava a escrever a história da Companhia Nacional de Teatro, de que foi empresário entre 1961 e 1967.
- 4 Nos livros para crianças revela uma preocupação com a educação da juventude. *A minha primeira História de Portugal* (1984), Editorial Verbo; *Versos de Caracacá* (1984), Editora Litexa; *Bichos Diversos em Verbo* (2008) Texto Editores; *Coisas do Arco da Velha* (2008), Editora Verbo, entre outros.
- 5 Arrimar e Jingming (1999:95) referem a faceta de memorialista.
- 6 A sua vinda para o Oriente, num momento feliz da sua vida em Portugal, deveu-se a um convite do Instituto Cultural de Macau para estruturar *toda a teatral (...); de colaborar num Conservatório de Música, Dança e Teatro; ministrar um curso intensivo de arte dramática (...), organizar o espectáculo do 10 de Junho de 1986 (...)*. Couto Viana, 2007:3.
- 7 Várias são as biografias que atribuem o gosto de Couto Viana pelo teatro à influência do destino que lhe coloca nas mãos o Teatro Sá de Miranda de Viana do Castelo, herdado do seu avô, no entanto, este facto é negado pelo próprio: *Isso é um disparate!* (2012:53).
- 8 Em jovem, apresentou revistas, sobre temas escolares e cidadãos, sendo *A Rosa Verde*, a sua primeira peça de teatro infantil.
- 9 Histórias breves em que um narrador ridiculariza e explora a

ORIENTALISMO

- sátira social, pondo o heroísmo a favor desses objectivos, rindo dos outros e, muitas vezes, de si próprio, sem a preocupação de definir modelos de virtudes. As histórias, muito fantasiadas, ocorrem na primeira metade do século XX e situam-se na cidade de Viana do Castelo.
- 10 Em 2004 (Revista *Artistas*, Sociedade Portuguesa de Autores) afirmou que fazer teatro sacro era já uma ideia antiga que tinha ressurgido com o convite que os franciscanos lhe tinham endereçado.
 - 11 <http://www.escritas.org/pt/bio/antonio-manuel-couto-viana> (acedido em 20 de Julho de 2019).
 - 12 Banda da Grã Cruz de Mérito, Grão-Cruz da Falange Galega, Grande Oficialato da Ordem do Infante D. Henrique e a Medalha de Mérito Cultural da Cidade de Viana do Castelo, entre outras.
 - 13 https://www.snpcultura.org/id_antonio_manuel_couto_viana.html (acedido em 21-03-2019).
 - 14 O autor refere (2007) que já na juventude, numa altura em que esteve doente, tinha criado a obra *Menino Doente*, opúsculo de versos publicado pelo autor, em 1985, para oferecer aos amigos.
 - 15 Editada pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, em 2004, com prefácio de Fernando Pinto do Amaral.
 - 16 Conferência proferida na Delegação Económica e Comercial de Macau em Lisboa, em 19 de Março de 2007 e publicada com o título *O Poeta no Oriente do Oriente*.
 - 17 Entrevista a Couto Viana http://catatu.catalivros.org/fala_estar_le_nos/le_M22_entr_amc_viana_3_b.pdf (acedido em 21-03-2019).
 - 18 Diogo do Couto (1542-1616) soldado e historiador, esteve no Oriente e é autor de várias *Décadas da Ásia* (foi ele que continuou a escrever as *Décadas*, iniciadas por João de Barros), e Gaspar Martins, um mártir do Japão, do séc. XVII, natural de Viana do Castelo.
 - 19 Em *O Poeta no Oriente do Oriente* faz referência aos estabelecimentos comerciais do avô onde se vendiam serviços de Cantão e louças japonesas (2007:4).
 - 20 Camilo Pessanha I e Camilo Pessanha II: *Em campa rasa, a tampa de granito/Afonta-o no brasão de fidalguia,/No nome (com Doutor e com d'Almeida) escrito/com erros de ortografia./Quem roubou as correntes que o cercavam de ferro?*
 - 21 Dedicar um poema a Camões: *Em que ano subi esta colina,/ Repousei nesta gruta e respirei/Brandas auras? Da pátria e do meu rei,/Aqui, sublime, sublimei a sina?; Que fama do meu vulto peregrina/Na voz destas paragens, e da lei/ Da morte me liberta? Onde enlacei/A amizade do jau e o amor de Dina?; Deixei sinais na areia, no arvoredor?/Quem me ocultou de mim como um segredo?/-Até o longínquo China navegou...:Aqui cheguei? Daqui parti!/Quem salvou do naufrágio miserando/Aquele que não sei se fui, mas sou?*
 - 22 Couto Viana deu o seu primeiro passeio por Macau na companhia apaixonante do Padre Manuel Teixeira, o sábio historiador daquelas paragens, solicito em realçar as belezas da terra e o valor dos seus faustos (2007:5).
 - 23 O poema *VongMen* (2007:31-35) aborda de forma acutilante as dificuldades da viagem clandestina para Macau e a vida dos chineses, homens e mulheres, que procuram uma vida melhor, mas que acabam por ter uma sorte diferente.
 - 24 *Serviçal; rapariga chinesa comprada/vendida. Nome dado eufemisticamente, a serviçais escravos ou chinesas compradas* (citando Ana Maria Amaro, 1998:600) in Dicionário de Crioulo de Macau, Gaião, R. 2019:136.
 - 25 *Nhonha* – senhora filha da terra (macaense).
 - 26 *Surang-surave* - Doce típico de Macau.
 - 27 *Bafá* - Antigo jogo de cartas chiensas, de Macau.
 - 28 *Chacha-chacha* – mulheres velhas.
 - 29 Dó – manto preto.
 - 30 Poema publicado no Jornal Gazeta Macaense, edição de 24 de Dezembro de 1987, que levou o Padre Manuel Teixeira a responder com o poema *O Amor é Universal*.
 - 31 Texto da conferência proferida na Delegação Económica e Comercial de Macau em Lisboa, em 19 de Março de 2007.

BIBLIOGRAFIA

- Arrimar, Jorge e Jingming, Yao (org.) (1999). *Antologia de Poetas de Macau*. Macau: Instituto Camões, Instituto Cultural de Macau e Instituto Português do Oriente.
- Couto Viana, António Manuel (1991). *Até o longínquo China navegou*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Couto Viana, António Manuel “Mapa de Pequim desdobrável no coração: 10 poemas de António Manuel Couto Viana”, in *Revista de Cultura*, (3) Out.-Dez. 1987, pp. 61-67.
- Couto Viana, António Manuel (1991). *Não há outro mais Leal*. Lisboa: Átrio.
- Couto Viana, António Manuel (1987). *No Oriente do Oriente*. Macau : [s.n.], 1987. (Macau: Gráfica Macau).
- Couto Viana, António Manuel (2013). *Para uma geografia literária do Alto Minho*, [compil.] Cláudio Lima. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima.
- Couto Viana, António Manuel (1999). *Orientais poemas*. Lisboa: Universitária Editora.
- Couto Viana, António Manuel (2007). *O Poeta no Oriente Do Oriente*.³⁰ Coleção *Mosaico*, nº 5. Macau: Instituto Internacional de Macau.
- Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Vol. V (2000). Lisboa: Publicações Europa-América.
- Gaião, Raul Leal (2019). *Dicionário do Crioulo de Macau: escrita de Adé em Patuá*. Macau: Praia Grande Edições.
- Pereira, José Carlos Seabra (2015). *O Delta Literário de Macau*. Macau: Instituto Politécnico de Macau.
- Saavedra, Ricardo de (2012). *António Manuel Couto Viana – Memorial do Coração (Conversa a Quatro Mãos)*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Santos, Carlos Pinto e Neves, Orlando (1996). *De Longe à China – Macau na Historiografia e na Literatura Portuguesas* – Tomo IV. Macau: Instituto Cultural de Macau, pp.1425-1435.